

É POSSÍVEL ESCREVER UMA HISTÓRIA DAS MULHERES A PARTIR DE HAGIOGRAFIAS FEMININAS ALTO-MEDIEVAIS (SÉCULOS V A X)?

Clarissa Mattana de Oliveira

Entre 836 e 838, o monge Rodolfo de Fulda escreveu uma hagiografia da abadessa Leoba de Tauberbischofsheim, que morreu em 782. De origem saxã, Leoba foi uma importante personagem no contexto das missões bonifacianas nas fronteiras francas a leste do Reno, onde assumiu a liderança de um dos principais mosteiros femininos da região. Sua posição como abadessa lhe conferia grande autoridade, e a fazia circular tanto no meio monástico e eclesiástico quanto na corte carolíngia. No entanto, a partir das décadas finais do século VIII, a Igreja buscou impor limites sobre a autoridade e a atividade feminina no âmbito do monasticismo, e uma das estratégias para isso foi propagar um ideal de clausura estrita, inclusive para as abadessas. O hagiógrafo de Leoba, portanto, deparou-se com um desafio: como construir um texto que fizesse jus à sua vida e memória e que ainda assim estivesse enquadrado nos ideais restritivos de vida religiosa feminina que vigoravam no seu tempo?

As tensões que permearam a escrita de Rodolfo de Fulda atravessaram o texto hagiográfico e devem estar no campo de visão do historiador que se propõe a analisá-lo. Como pontuou Margaret Cotter-Lynch (2010:16), a obra do monge está distante de ser um relato fiel da vida de Leoba, mas é, certamente, o resultado da acomodação dessas tensões. Quando nos debruçamos sobre fontes como essa, compreendemos que a análise de hagiografias femininas alto-medievais visando estudar a história das mulheres requer a assunção de determinados pressupostos, além de cuidados metodológicos, relacionados com o próprio processo de produção textual e as particularidades do gênero hagiográfico.

Inicialmente, devemos considerar que as hagiografias femininas produzidas entre os séculos V e X foram, em sua maioria, escritas por homens e, dessa forma, refletem suas visões e expectativas sobre as mulheres. Esses homens pertenciam ao clero secular ou ao meio monástico e, por isso, essas construções eram baseadas em ideias sobre o feminino procedentes das escrituras e da teologia cristã, e estavam situadas historicamente em um dado contexto. Assim, o hagiógrafo precisava fazer escolhas para elaborar um perfil de mulher santa que, ao mesmo tempo, estivesse de acordo com fundamentos teológicos, com o ideal de vida religiosa feminina vigente e com os objetivos de produção do texto. A narrativa também deveria ser factível frente à memória da hagiografada e aos referenciais culturais e sociais das audiências.

Em segundo lugar, o gênero hagiográfico – que inclui toda e qualquer produção literária que trate da vida de homens e mulheres considerados santos e santas – tem como característica a preservação da forma e a repetição de temas e topoi. Isso porque a inserção e recepção de um texto dessa natureza dependia de uma adequação a uma longa tradição, da qual obras como a Vida de Antão, de Atânasio de Alexandria (m. 373), e a Vida de Martinho de Tours, de Sulpício Severo (m. 425) se encontravam entre as principais referências. Julia Smith (1995:14-18), ao estudar as hagiografias femininas produzidas em território carolíngio entre 780 e 920, observou que os hagiógrafos não recorreram a um perfil de mulher santa precedente, mas utilizaram modelos masculinos na construção da santidade das protagonistas.

Observando tais pressupostos, como podemos usar as hagiografias na análise e na escrita de uma história das mulheres? Ainda que esses documentos nos tragam muitas limitações, precisamos

OLIVEIRA, Clarissa Mattana. É POSSÍVEL ESCREVER UMA HISTÓRIA DAS MULHERES A PARTIR DE HAGIOGRAFIAS FEMININAS ALTO-MEDIEVAIS (SÉCULOS V A X)?. *Hagiografia e História*. In: *Sacralidades Medievais* (site). Disponível em: <https://sacralidadesmedievais.com/texto-s-semanais>.

<https://sacralidadesmedievais.com/>



lembrar que uma *vita* precisava fazer sentido às suas audiências, para além do imaginário, das projeções de seus autores e das convenções literárias do gênero hagiográfico. Dessa forma, como pontuou Stavroula Constantinou (2012:45), esses textos nos trazem informações sobre os papéis sociais desempenhados pelas mulheres, as atividades nas quais estavam envolvidas e quais comportamentos eram considerados exemplares nas sociedades patriarcais em que viviam.

A análise crítica da *Vida de Leoba* nos permite vislumbrar a dimensão de sua autoridade como abadessa em uma região de expansão de domínio imperial e da Igreja. Mas também nos deparamos com um modelo de conduta coerente com a proposta de restrição da atuação feminina no âmbito monástico que passou a vigorar no território carolíngio a partir das décadas finais do século VIII. As hagiografias femininas são, portanto, obras da literatura medieval atravessadas não apenas pelas tensões inerentes à própria criação dos textos, mas também pelas relações de gênero vigentes no seu tempo-espaço de produção.

Para saber mais

CONSTANTINO, Stavroula. Male constructions of female identities: authority and power in the Byzantine Greek lives of monastic foundresses. In: THEIS, Lioba; MULLETT, Margaret; GRÜNBART, Michael (Ed.). *Female founders in Byzantium and beyond*. Weimar: Böhlau, 2012. p. 43-62.

COTTER-LYNCH, Margaret. Rereading Leoba, or hagiography as compromise. *Medieval Feminist Forum: A Journal of Gender and Sexuality, Iowa*, v. 46, n. 1, p. 14-37, 2010.

SMITH, Julia. The Problem of Female Sanctity in Carolingian Europe, c. 780-920. *Past & Present*, n. 146, Fev/1995, p. 3-37.

OLIVEIRA, Clarissa Mattana. É POSSÍVEL ESCREVER UMA HISTÓRIA DAS MULHERES A PARTIR DE HAGIOGRAFIAS FEMININAS ALTO-MEDIEVAIS (SÉCULOS V A X)?. *Hagiografia e História*. In: *Sacralidades Medievais* (site). Disponível em: <https://sacralidadesmedievais.com/textos-semanais>.

<https://sacralidadesmedievais.com/>

